

Henrique Pereira Ribeiro

ADVOGADO E NOTARIO

LEIRIA

Factos e não Palavras

O SEQUESTRO DO
DR. DA CUNHA DIAS

LISBOA

Comp. e impr. na Typ. do Anuario Commercial

Praça dos Restauradores, 24

—
1916

HENRIQUE PEREIRA RIBEIRO

ADVOGADO E NOTARIO

LEIRIA

Res non verba

O SEQUESTRO DO
DR. DA CUNHA DIAS

LISBOA

Comp. e imp. na Tip. do Anuario Comercial
Praça dos Restauradores, 24

—
1916

THEATRO PLEBEA THEATRUM
FRANCISCO DE MOURA
LIVRO

Res non verba

O SEQUESTRO DO
DR. DA CUNHA DIAS

1873

Um louco de uma
«lúcida serenidade»



Fotografia tirada em Leiria
junto á casa de V. Hasse no
dia da sua fuga do H. C. F.

AO FILHO UNICO DO DR. DA CUNHA DIAS

NUNO DA CUNHA DIAS

offerece estas paginas da
biographia de seu pae

HENRIQUE PEREIRA RIBEIRO

EM QUE SE MOSTRA QUE
UM FILHO NOBRE É FILHO D'UM
PAE VILÃO.

EM QUE SE MOSTRA QUE

EM TIPO NOBRE E FILHO DE UM

PAI ALTO

Sem commentarios...

No dia 2 do passado outubro o meu collega Dr. Da Cunha Dias, velho camarada e amigo de há muito, entregou-me no meu escriptorio um maço de documentos, cartas, papeis varios, notas intimas.

Abriu signal no meu livro de notas, passou duas procurações ⁽¹⁾ e, rapido como entrara, sahiu no automovel que o havia trazido.

Elle tinha pressa, eu tinha o escriptorio com clientes.

O Da Cunha Dias trazia as mãos enroladas em dois lenços, um d'elles ensanguentado.

Explicou rapidamente:

— «Uma fuga do Conde de Ferreira, uma corda cortou-me as mãos. Era muito fina. O patife do creado que fugiu comigo, para poupar, comprou uma corda muito fina.

«Quizeram dar-me por doido!

«Guarda as procurações. Procura o Hasse. Confio em ti. Adeus.»

Um abraço e partiu.

N'essa noite não encontrei o Hasse, mas notei na cidade desusado movimento de policia.

No dia seguinte tive conhecimento de mais pelo Vasconcellos Hasse. Pelo Alvaro Netto, dias depois, do resto.

(1) Uma procuração foi passada ao meu distincto collega advogado n'esta cidade de Leiria Dr. Pedro Dias; a outra a mim. A assignatura e letra d'esta está reconhecida pelo douto notario de Lisboa, Dr. Noronha Galvão.

Em resumo:

Afim de impedir que elle se divorciasse, a familia internou-o num hospital de doidos.

Depois de, com astucia, jogando com uma carta que obteve, ter conseguido a confissão da esposa adúltera, inesperadamente, poucos dias depois, em 8 do VIII do corrente anno, ao sahir em Lisboa da *Brasileira*, do Rocio, onde fôra lunchar, o Da Cunha Dias é convidado por um judiciaria a ir á proxima esquadra, no edificio do Theatro Nacional, prestar declarações.

Sahiu pelo lado da Rua do Principe, hoje 1.º de Dezembro, e á esquina, junto ao *Café La Gare*, seu pae espiava a sua condução á esquadra.

Recorto de uma carta dirigida pelo Da Cunha Dias ao Ex.^{mº} Sr. Alvaro Netto:

«Foi assim, amigo. Esquadra, revista minuciosa, e convite para um passeio de automovel.

Absoluta impossibilidade de resistencia, creia!

Dentro do carro dois guardas, junto ao chauffeur, um. E depois... — Telhal!

Foi assim. A coisa mais simples deste mundo. Uma grande infamia é afinal a coisa mais simples deste mundo!

Depois o medico assistente, o Cebolinhas ⁽¹⁾, dia sim, dia não (as visitas medicas no Telhal são só ás segundas, quartas e sextas, naturalmente porque aos domingos, terças, quintas e sabbados os doidos estão todos com juizo) recitando-me, para meu mal, os seus detestaveis versos. E nada mais.

Tudo sempre igual.

(1) Cebolinhas é o medico assistente do Telhal, Dr. Luiz Cebola. O Da Cunha Dias chama-lhe sempre, em todas as cartas, o Cebolinhas.

Fui internado em 8 e no dia 11 fui chamado á sala de visitas.

Quem seria?

Era o Julio de Mattos, de cuia grisalha e polainas de linho.

Insultou-me, o casquilho!

Durou a conferencia meia hora, se tanto.

Depois em 23, estava a jantar, novos policias, dois, — sempre aos pares — acompanhados por um tiporio muito afadistadinho, muito petulantesinho, que depois soube ser enfermeiro de Rilhafoles. E, novamente, novo convite a passeio de automovel.

Estação do Rocio, comboio N. Porto, mais automovel, Conde Ferreira, cela (na 6.^a, enfermaria de furiosos).

Muito simples: muito simples e muito rapido!

Proibição expressa de escrever/a quem quer que seja, é claro!

Esta, amigo, vae passar como candonga.»

N'outra carta dirigida ao Ex.^{mo} Sr. Vasconcellos Hasse, conta a entrevista com o Julio de Mattos:

«Com passinhos miudos, bem medidos, mediu uma distancia — talvez um metro e meio — e collocou uma cadeira, que me indicou:

— O Sr. Dias senta-se n'aquella cadeira.

Ficavamos um em frente do outro, elle de costas para a janella. Elle na sombra, eu em plena luz, certamente para melhor ser observavel.

D'um bolso do colete tirou um estojo, do estojo uma luneta, que limpou cuidadosamente, devagar.

A luneta tinha os vidros de uma côr estranha entre amarello e laranja.

E começou a examinar-me como a um microscopio se examina um insecto.

— Seria p'ra me perturbar?

Depois, sem luneta, olhou-me com um olhar duro, olhar mata-moiros, penetrante, verrumante.

— Seria p'ra me perturbar?

Cravei nos olhos d'elle os meus com calma suavidade, e o Julinho pestanejou, tremelicou as palpebras e baixou o olhar instantes depois.

— Seria para me perturbar?

Não lhe larguei mais os olhos e o Julinho, irritado, quebrou o silencio:

— O sr. Dias, disse, é acusado de ter o impudor moral de duvidar da honestidade de sua esposa!

— E quem me acusa?

— Neste momento eu.

— V. Ex.^a (e fiz tinar, tlintar a Excelencia!) não tem categoria moral para acusar ninguem. Entendeu?

E dirigindo-me ao Cebolinhas:

— (Estes sujeitos parece que não comprehendem assim): — expliquei que se um marido confia ou suspeita de sua mulher, isso diz respeito ao marido e á mulher, e a mais ninguem.

Quando muito num desabafo póde um caso de ordem intima, que á intimidade de uma familia pertence, revelar-se a um intimo.

Nem a ele Cebolinhas nem ao Julio de Mattos eu havia concedido a minha intimidade.

E que — (certamente se lhe iriam referir) — quanto á minha decidida resolução de me divorciar era tambem um assumpto que eles medicos careciam de competencia para discutir.

A resolução era minha. Uma pessoa casa-se com quem quer e separa-se de quem quer. Nenhuma lei me póde forçar a viver com quem eu não quero viver, ou a casar com quem não quero.

Tenho razões para divorcio? Os fundamentos do divorcio veem especificados na lei e depois de alegados em juizo, e feita a prova bastante ou insufficiente segundo as formalidades, e os meios legaes, o tribunal ou decreta o divorcio ou não.

E é tudo.

E como o Julio de Mattos continuasse nessa attitude petulante, insolente, de um pretenciosismo irritante, acrescentei:

— V. Ex.^a ignora-me, eu conheço-o. Diferença de idades:—V. Ex.^a tem 60, talvez; eu tenho 30. V. Ex.^a ignora-me e eu conheço-o.

Conheço a sua vida, os escandalos com a sua amante no Porto, aquella tarde em que se apeou do electrico, deixando a companhia de sua legitima mulher e de sua filha, para ajudar a descer a sua amante...

Conheço o seu passado, os seus pôdres e até os seus livros.

V. Ex.^a é tolo.

V. Ex.^a é um *assoprado* da opinião.

— Sabe ao que as cosinheiras chamam um *assoprado*?

Pois, V. Ex.^a é um *assoprado*.

Permitiu-se ser incorrecto comigo e isso tem, como vae sentindo, certos inconvenientes.

V. Ex.^a é um vasio, um *assoprado*...

Escreveu uns livrinhos, os acasos de uma situação collocaram-no em destaque. E é tudo.

— Que fez V. Ex.^a?

— Os livros?!
— São uns livrinhos didaticos escriptos com clareza, e nada mais.

— Qualquer pessoa que saiba pegar n'uma pena os escreve. Sobre psichiatria, como sobre tudo.

— A difficuldade não é escrever os livrinhos, é ter editor que os pague e os edite.

— N'esses livros V. Ex.^a não tem uma ideia original, uma observação de qualquer valôr scientifico que tenha pessoalmente realizado. Nada.

— Já estava escripto ha muito tempo o que V. Ex.^a escreveu!

— E não tem tambem uma forma litteraria ou nova, ou bella.

V. Ex.^a é um *assoprado* cheio de petulancia vaidosa.

— Illudiu-se: Essas attitudes, a grenha, as polainas, fazem impressão aos caixeiros e impõem-se aos deputados da nação.

— Não sou caixeiro, e nunca senti vocação para deputado.

— Entendeu?

— Para se me insultar é conveniente ter umas certas precauções.

— Mande vir dois frades, um collete de forças, e uma mordaga, porque se não mudar de attitude, em attenção á sua idade, eu puxo-lhe só uma orelha.

E nem collete, nem pio.

Que eu havia tido o *impudor moral*.

Impudor moral tinha a mãe que o pariu!

O feto!

Foi então o Cebolinhas que completou o tremendo libello:

Eu era ainda accusado de acreditar... nos astros!

E' pasmoso!

Eu fiz crêr a minha mulher que havia processos occultos de descobrir tudo. E que alguns d'esses processos faziam parte de uma sciencia, a astrologia, em que não acredito nem deixo de acreditar, porque nada sei!

V. comprehende, meu caro Hasse, eu hesitava. Se era tão dolorosa a verdade!»

Recorto ainda de uma carta para o seu amigo, Ex.^{mo} Sr. Fernando Pessôa, mais os periodos seguintes:

«Pois só aqui no Conde Ferreira e á custa de dois mil estratagemas — nem V. o calcula, Fernando amigo — eu consegui saber dos meus graves padecimentos.

Eu soffro de *delirio de ciume* e da *mania de perseguição* vendo nos medicos que me tratam os meus perseguidores.

E' pyramidal de cynismo!

Firmam o attestado o Julio de Mattos e o Cebolinhas.

O Cebolinhas! como isto é delirante!

E lembrar-se a gente que um pae Cebola, bufando e gemendo, sob a dura ardencia do sol, cuspiu com mais alma nas mãos, e mais fundo cavou a regueira para que, n'uma maior abundancia, o batatal dêsse mais batatas.

E que no correr dos tempos, essa batata, arrancada com amoroso esforço, se transformou — maravilhas do progresso! — num Cebolinhas, filho de seu pae Cebola, medico-cirurgião, que sem pu-

dôr proprio, sem dignidade profissional, e sem respeito pelos esforços do pae, nem pelo cuspo, nem pelo suor, nem pelas batatas, vem affirmar, atrevidamente, pela sua honra, que eu, Da Cunha Dias, soffro de *delirio* e de *mania*!

E de que *delirio* e de que *mania* eu soffro!

Oh cuspo! oh suor paternos!

Oh Cebolinhas, cabeça d'alho chôcho!»

E a mesma sã e serena ironia, cedendo por vezes ao seu *amargurado soffrer* — a expressão é d'elle — se nota nas suas cartas, escriptas durante o largo periodo de cincoenta e quatro dias.

Foi sequestrado o meu infeliz amigo em 8 de agosto; como disse; trazido do Telhal, concelho de Cintra, para o Conde Ferreira, no Porto, mais longe, em 23 de agosto, realisou a fuga na noite de 1 de outubro.

O sequestro do Dr. Da Cunha Dias, requerido pelo pae, foi facilitado por dirigir o Telhal, pertencente á ordem de S. João de Deus, o frade Elias Pereira d'Almeida, natural de Villa Nova d'Ourem, onde o pae do meu amigo, escrivão de direito, exerceu o seu cargo durante 8 annos.

O medico Dr. Luiz Cebola, entre a côdea que os frades lhe dão a roer e a sua consciencia e a sua dignidade profissional, optou pela côdea.

O medico Dr. Julio de Mattos ⁽¹⁾ fez juizo, levianamente, pelas affirmações do collega e pelas infames accusações do pae do meu infeliz amigo.

Depois de obtido o attestado dos dois medicos, á pressa,

(1) E' ajudante do Dr. Julio de Mattos o Dr. Pulido Valente que o Da Cunha Dias presume ser encobridor do adulterio de sua mulher por ser intimo amigo do amante d'ella.

Na correspondencia da mulher para o amante falla-se muito no Dr. Pulido Valente.

de surpresa, foi feita a transferencia para o Conde Ferreira. Havia uma apparencia de legalidade, nos termos do D. de 28 de maio de 1911. Tudo isto é infame, infamissimo, mas comprehende-se.

Só não se entende que interesses podia ter o pae no sequestro do meu amigo.

Foram os auctores d'esta edificante vileza:

o pae — Antonio Padinha Dias, natural de Tavira, morador em Cintra, escrivão de direito,

o sogro — Antonio Rodrigues da Cunha, natural de Cintra, residente na mesma villa, Quinta do Val de S. Martinho, secretario da Camara Municipal de Cintra,

um co-cunhado — Hermano da Silva Neves, mais conhecido por Hermano Neves, natural de Goes (Arganil), jornalista, morador em Lisboa, na Avenida Antonio Augusto de Aguiar, n.º 60, 3.º andar,

e um official da policia de Lisboa, casado com a irmã do Hermano Neves, Bruno do Carmo, capitão de infantaria.

O sogro do Da Cunha Dias comprehende-se: defende a filha. Talvez, mesmo, não acredite na sua prostituição. O Hermano Neves e o Bruno do Carmo comprehendem-se. O primeiro quer agradar ao sogro, o segundo ao cunhado de quem depende.

São creaturas sem muitos escrupulos, mas ha uma determinante no seu procedimento.

Mas, o pae? pergunta o leitor.

Mas, o pae? exclamo eu.

De uma carta ⁽¹⁾ escripta com data de 5 de setembro extraio os seguintes periodos:

(1) Esta carta, tendo a data de 5 de setembro, escripta em papel timbrado do H. Conde Ferreira, foi distribuida em 8 em Lisboa. O carimbo da estação central de Lisboa tem a data de 8, o do Porto a data de 6.

«Para meu pae, de resto, o caso deve ter sido simples e claro e evidente como uma identidade.

Meu sogro disse-lhe: — «O Alberto quer divorciar-se.»

Pretende o divorcio — loucura.

Se é loucura — está louco.

Se está louco — manicomio.

E depois começou contando: 1, 2, 3, 4, 5, 6... seis mortes.

Está louco porque quer divorciar-se.

Está louco porque quer fazer 6 mortes.

Ficou-se em 6 e não foi mais longe porque nasceu no Algarve. V. sabe, meu caro Alvaro Netto, que o Algarve é uma terra que um estreito braço de mar separa de Marrocos e que o Guadiana na azul doçura de um abraço coleante liga ás Hespanhas.

Só 6 mortes... «por no tojer la navegacion.»

Dou em seguida a palavra ao meu amigo Alvaro Netto:

«E ⁽¹⁾ não esqueça de mandar dizer ao Dr., hoje mesmo, que não deve demorar nem mais um dia no districto.

Esses vãos de automovel, audazes, pódem ser-lhe fataes, a dentro do districto.

Vae incidir sobre o districto de Leiria a mais tenaz e rigorosa perseguição.

E que não tenha hesitações.

(1) Este trecho é extrahido de uma carta dirigida por Alvaro Netto a Vasconcellos Hasse com data de 15 de outubro de 1916. O Da Cunha Dias errava por Condeixa, Pombal, Alcobaça, Batalha, Nazareth, Ourem, Caldas e Leiria. O seu secretario ia para a villa ou cidade, elle ficava no campo ou em qualquer casal de lavrador, ou numa quinta de qualquer amigo. A correspondencia vinha para Leiria dirigida a V. Hasse, ao seu socio ou para mim.

Tomou o caminho de Lisboa em 20 á noite, depois de durante o dia ter visitado a Batalha.

Elles não perdem o tempo e a diffamação alastra. A mulher parece que anda adoentada e exploram a sua doença divulgando a historia d'um triste martyrio. Ella martyr, o Dr. carrasco.

Dize-lhe que d'elles nada tem a esperar. Nada! Ou se decide já, ou se arrisca a quando despertar ser tarde, e estar liquidado perante a opinião. O pae!

Depois dos insultos que elle me dirigiu, despropositadamente, aqui no escriptorio, por não querer admittir e não querer que eu admittisse a *possibilidade* do filho não estar doido, quiz saber o porquê, quaes os interesses que o moviam.

E' tenebroso! Eu que tanto devo ao meu bom velhote que me estima, e que eu adoro, nem quiz saber mais!

Ante-hontem, 12 d'este lindo outubro, vi-o á noite em Lisboa no Theatro Eden acompanhado da amante, risonho e contente. E lembrei a pobre mulher doente, em Cintra, chorando em casa a morte tragica d'um filho e a ausencia do outro perseguido como uma fera.»

Antes que os tribunaes façam justiça, os homens dignos que julguem o filho nobre e o pae vilão.

Leiria, 23 de outubro de 1916.

O Advogado

Henrique Pereira Ribeiro.

NOTA. — As pessoas a quem se referem as cartas são: Alvaro Netto, commerciante e industrial, Lisboa, Rua do Jardim do Regedor, 18; Vasconcellos Hasse, industrial, Marrazes, Leiria; Fernando Pessoa, escriptor, Rua de S. Julião, 101, 1.º, Lisboa.

Em poder d'estes destinatarios estão os originaes. Das cartas escriptas pelo Dr. Da Cunha Dias e competentes sobrescriptos estão-se fazendo reproduções zincographicas.

É O «LOUCO» EM PLENA
LUCIDEZ SOFREU NO TELHAL O
MAIS DURO DOS ENCARCERAMEN-
TOS.

E O «LOCO» EM PENNA
LUCIDES SOBRE NO TERHAL O
MAIS BURO DOS ENCARCERAMEN-
TOS

Palavras d'um louco

I

No TELHAL — 14-VIII-916.

Os dias passam-se na cella em que me encerraram, pequena, onde na estreiteza d'este isolamento endoideceria a minh'alma sedenta do ar livre, sequiosa de liberdade e de luz, se a imaginação não recordasse os logares queridos, e os que amo, e os dias, os raros dias felizes — tão raros na amargura da minha vida —, e não viesse a saudade como um balsamo suavisar a dolorosa amargura do meu coração.

Aos dias succedem-se outros dias, a um mesmo dia succede-se uma mesma noite, e sempre a mesma cella, e um mesmo viver, e a angustia de uma mesma dôr.

II

15-VIII-1916.

Eu amei-te com toda a pureza de um primeiro beijo, toda a sinceridade de um primeiro amôr.

Eu era triste e tu foste a minha alegria!

Eu malqueria á vida, e eu abençoei a vida dê'sque te amei a ti.

Eu — olhos postos na amargura do passado — desesperei o viver, e sob o ardente fogo do meu amôr, de entre

a labareda da chamma viva da minha fé renasceu — na leveza ingenua de um despertar — a minha esperança.

Porque por ti vivia, para ti, para o nosso lar, seria todo o esforço da minha vida. Tu prometeste-me a inteira dedicação da tua.

E, eu, confiado, esperei.

Tu trouxeste-me na promessa do teu amôr, alegria e vida e esperança.

E eu alegre travei a rude batalha da vida.

III

Entardece.

A luz coada ao longe por de além dos montes apaga-se a medo e dilue e esbate os contornos em sombras imprecisas.

O sol afasta-se e esmorece entre agonias de côr.

Anoiteceu.

Tudo em volta é silencio e paz, só na minh'alma soluça o pranto da minha dôr.

Tudo é silencio. Tudo é tranquillo.

E o meu coração pulsa confrangido sob a macerada amargura da minha magua.

IV

16-VIII-916.

O sol vem inundar de luz a minha cella.

Ave, Cæsar, morituri te salutant!

.....
E n'um dia de Amanhã cabeças rolarão, e dos troncos decepados em borbotões sanguineos o sangue ha de correr empapando a terra.

Corre o sangue, galgando as torrentes, inundando os valles, tingindo o mar...

Aguas espadanando em blocos de espuma, como braços victoriosos erguidos para o ceu...

E as ondas de cristas purpureas no rithmo religioso do seu quebrar, bramindo no tumultuoso da ressaca o troar das salvas de uma apoteose.

Não aplaques as iras, não accalmes, ó Mar!

Ergue espumante as tuas vagas e canta na harmonia grandiosa da colera das tempestades as glorias da minha Raça.

Ergue da imensidão insondavel as ondas alterosas e vae banhar o universo inteiro na purpura dos seus Triumphos.

V

18-VIII-916.

Eu amei-te muito. E por muito te amar, muito padeceu meu coração.

Por ti eu soffri a tortura anciosa da Duvida.

Por ti debati-me nas coleras do ciume.

Por ti eu odiei: — n'um odio que queima e se não extingue.

Por ti trilhei a negra estrada da premeditação e do crime.

Por ti sofri a tristeza das ausencias, e as magoadas magoas da saudade.

Por ti soluçou meu coração lagrimas de abandono.

E por muito te amar, tudo padeceu meu coração...

Depois... mas calquei a dentro de mim, dores e sofrimentos e duvidas, e vim, e corri a erguer-te, firmando para as boccas do mundo o nome do meu Filho.

A tua maternidade santificou para mim o teu ventre maculado, e eu perdoei e eu esqueci.

E eu confiei na mãe de meu Filho.

E á nobreza dos meus sentimentos tu respondeste:—
Abuso! A' minha confiança:— Traição.

Que Deus te perdoe, Desgraçadinha!

Lançaste o opróbio sobre o meu nome, emporcalhaste
o teu corpo na lama da perdição, e salpicaste no teu cha-
vascar impuro o nome do meu Filho.

E ajuntas agora na ancia de te salvar — «mulher per-
dida» — ao abuso, e á traição, — a mentira!

E prendem-me como louco!

Fui louco — tu o sabes — por muito te amar!...!

VI

23-VIII-916.

Virtutem ex me, Fortunam ex aliis.

Para mim a severa dureza da virtude, para os outros
as faceis delicias da Fortuna.

Sempre na minha vida tão trabalhosa me foi adversa a
fortuna. Se n'um momento me sorriu, logo me abandonou.
E sempre pela vida fóra, atravez das maiores derrocadas,
mesmo quando em torno de mim tudo rue, se ergue altiva
tremulando por sobre as ruinas a minha esperança. Esta
minha arreigada e convicta Fé em dias melhores, n'um vago
Futuro que cada dia vae sendo desillusão do presente; esta
minha confiada esperança que desespera mas não succum-
be. E para quê?

Virtutem ex me, Fortunam ex aliis.

... Para mim só as severas durezas da Virtude. ...

Alma de Catão, acaso Virtude é uma palavra vã?

... E vôam alto as aguias, librando-se no azul, pairam
pelas alturas inaccessiveis e constroem o seu ninho no cimo
das montanhas.

Meu Pae

E O «LOUCO LUCIDO» NÃO
QUERENDO, APESAR DE TUDO,
ACREDITAR NA MÁ-FÉ DE SEU PAE,
ENVIOU-LHE, NÃO OBTENDO RES-
POSTA, A CARTA SEGUINTE.

ALBERTO

POSTA A CARTA SEQUINTE
ENVIOU-LHE, NÃO OBTENDO RES-
ACREDITAR NA MÃE DE SEU PAE,
QUERENDO, APESAR DE TUDO,
O «POUCO LUCIDO» NÃO

POSTA A CARTA SEQUINTE

Meu Pae

Se um pouco d'aquelle amôr feito de ternura, feito de carinho, que dedico ao meu filho, o prende tambem a mim, escute a ardente supplica do meu coração.

Venha fallar-me.

ALBERTO.

1.ª Carta do Dr. João Carlos Dias a seu pai

Meu Pai

Se um pouco d'aquele amor feito de ternura, feito de carinho, que dedico ao meu filho, o prende também a mim, escute a ardente supplica do meu coração.
Venha fallar-me.

ALBERTO.

Município de Tebal — 14-VIII-96.

MAS O «LOUCO» CONVEN-
CIDO DA INUTILIDADE D'UM VÃO
ESPERAR N'UM ARREPENDIMENTO
DOS SEUS, CONSEGUIDAS 6 DIAS
DEPOIS DO SEU INTERNAMENTO
NO CONDE FERREIRA COMMU-
NICAÇÕES COM O EXTERIOR, ES-
CREVEU CONTANDO DAS CAUSAS
DO SEU SEQUESTRO AOS SEUS
AMIGOS.

E DO SEU AMIGO ALVARO
NETTO RECEBEU EM 14 DE SE-
TEMBRO A CARTA SEGUINTE.

MAS O «LOUCO» CONTEM-
CIDA DA INUTILIDADE DUM VÃO
ESTERAR NUM ARREPENDIMENTO
DOS SEUS CONSEGUIDAS 6 DIAS
DEPOIS DO SEU INTERNAAMENTO
NO CONDE FERREIRA COMMUN-
ICAÇÕES COM O EXTERIOR, ES-
CREVEU CONTANDO DAS CASAS
DO SEU SQUESTRO AOS SEUS
AMIGOS.

E DO SEU AMIGO ALVARO
NETTO RECEBEU EM 14 DE SE-
TEMBRO A CARTA SEGUINTE.

meu amigo... a sua situação... a sua saúde... a sua vida...

Lisboa, 13 de setembro de 1916.

Meu caro amigo

Confirmando a sua carta de ontem e accuso a sua de ontem também.

Não imagina quanta satisfação recebi quando li o primeiro periodo. Se a situação se começa a modificar, bem está, meu presado amigo, e nós começamos a sentir no coração um alivio que não há palavras que traduzam. Diz o meu amigo que se fôr possível tentar uma solução radical, que não digo qual seja porque a conhece bem, não será difficil, mas que se eu estiver disposto a ajudal-o prefere esperar algum tempo mais. Eu só lhe digo, com aquella sinceridade que encontrou sempre nas minhas palavras, a sinceridade de quem não sabe mentir, que se se tratasse de salvar meu pae, um bom velhote a quem devo uma importantissima parte dos meus beneficios e da situação desafogada que tenho, não empenharia certamente com mais vontade toda a energia que possa reunir. Creio que não preciso dizer-lhe mais nada para o meu amigo contar absolutamente comigo. Quando se veja desamparado encoste o seu coração ao meu e quasi como dois noivos, iremos assim pela vida fóra e recobrará alentos para reagir.

Pouco valho, mesmo muito pouco, mas cem vezes menos que fosse, não deixaria de dar tudo quanto ao meu alcance estivesse para concorrer para a sua sahida e consequentemente para a tranquillidade do seu espirito. Não me

move o mais pequeno interesse, mas move-me uma grande amisade, uma quasi abdicção da vontade propria curvada perante a sua fulgurante intelligencia. O meu amigo não leia qualquer palavra elogiosa nas que escrevo. E' sempre a minha sincera fé que marca. Sei ver o mal e sei reparar o bem. E aqui tem porque lhe digo que conte absolutamente comigo. Quero tranquilisar o coração e elle diz-me que pratico uma boa acção continuando ao seu lado. Não duvide mais uma hora sequer da sinceridade com que lhe escrevo e mande-me como mandaria um irmão. A minha altivês de character não se humilha em coisa alguma, porque sei bem como caminho e para onde caminho, sem deixar de pesár os passos e avaliar os perigos. Mande e...

E vamos a responder ao resto. Não me surprehendem nada as causas que o meu amigo diz; fazem parte da *carga* que lhe atiram para os hombros. Suppunha-a assim pouco mais ou menos, pela exposição que ouvi a seu pae, mas tambem calculava pelas palavras do mesmo, pela sua apouquentação (?), por a maneira como elle lamentava (!) o occorrido e a sua infelicidade, que os esforços deveriam concorrer para o aliviar e não para ainda mais o carregar.

Fico-o sabendo agora e arrependo-me de ter-lhe dado umas cartas de apresentação para casas do Porto, aonde elle colheu os meios suficientes para a sua estada ahi, dizia elle, para minorar-lhe o mais possivel o seu cativeiro. A intenção foi a melhor, mas talvez tella me faça soffrer muito. Emfim, do mal feito, remedio não se espera. Pasma com o numero de cadaveres que o cercam, cadaveres vivos, mas cadaveres já frios e em decomposição no espirito de quem...

Quem conhece a sua bella alma, quem sabe o que o meu amigo é, imaginal-o sanguinario por prazer ou por insensatês é fazer uma dobrada offensa. Que a sua honra

ferida o levasse a praticar um crime, que as leis até desculpam, n'um ou em dois individuos, pode comprehender-se, mas mesmo assim, apenas da alucinação do momento. Mas passado este, attribuir-lhe o desejo, a esperança sequer de vir vingar-se em mais do que o causador da sua infelicidade, é uma cobardia moral que não tem desculpa. Sejam sinceros e falem a linguagem da verdade. Se é outra a razão, não procurem por atalhos o que se consegue na estrada lisa da vida. Comprehendo bem que o meu amigo foi paciente em demasia colhendo todos os meios para conhecer a infelicidade que o feriu, sem praticar violencias na criminosa.

Isto só por si bastava para testemunhar a sua nóbre correccção. Mas lá não o comprehenderam assim e d'ahi a carga que lhe collocam nos hombros, para o fazer dançar e... ruir por fim os criminosos desejos que lhe... assacam. Leio as suas cartas e não vejo mais que isto: o odio, louvavel odio, pelo autor da sua infelicidade, dando as mãos á esperança bem fundada de poder um dia fazer sentir á esse bandido todo o seu peso; uma magua, mistura da instinctiva repulsa conjugada com as saudades que possam ter deixado raizes no coração; na sua qualidade de esposa, á mãe do seu filho; uma revolta que está mais que consubstanciada em mil e um motivos, contra a fórmula maldosa como seu pae se conduz, fazendo-lhe pagar carissimo as consequencias desastrosas do espirito do mesmo voar só em acanhados ambientes!

E' o que leio e se o não lesse, era o que se concluia se o meu amigo dissesse o que escreveu. Em tudo isto quantas victimas? Uma apenas, mas com dignidade. O meu amigo poderia mata-lo como se mata um cão, mas a nobresa da sua alma vae até ao ponto de o fazer dando-lhe a elle o direito de o equalar. Quem melhor as tiver, como o vulgo diz, melhor as joga. Eis as seis victimas.

Quanto a sacrificios, é bom que me tenha feito comprehender. Eu não digo que seu pae tenha feito sacrificios. O que digo é que elle disse que os fazia, ou pelo menos era essa a minha intenção. Chorou-se ao pé de mim, como se eu pudesse valer-lhe, sei bem que sem tal intenção, mas apenas para crear mais um partidario a favor dos seus desejos de violencia. N'esta parte posso affirmar-lhe que o engano é completo. Eu ouço, mas não acredito em nada. Sei pelo que me expoz em tempo, quanto devo duvidar e... duvido. Recommenda-me cuidado, muito cuidado. Ainda bem, porque isso vae de encontro ao que digo na outra carta.

Para ir a Cintra tenho receio que, para não desvendar o que conheço pelas suas cartas, tenha de vir como convencido com as suas razões, ou para me dar por conhecedor, descubra alguma ponta do veu e os ponha de sobre aviso. Eu não preciso de depoimentos de ninguem. Fiz o meu juizo muito antes d'esta fatalidade consumada, acerca da intelligencia do meu amigo e da sua lealdade. Uma e outra não desmereceram um minimo ainda. Logo não se torna precisa qualquer consulta. Agirei de mãos dadas comsigo, sem precisar de os ouvir. Para lá ir, era indispensavel que me munisse do material preciso para poder dizer-lhe toda a verdade. Para isso, sujeitava-me a receber com diplomacia uma ordem de despejo e... nada conseguia. Depois tenho medo, muito medo, que me attribuem cousas diversas do que aquellas que pratico com a cabeça levantada e rosto sereno.

Aguardo as suas cartas com impaciencia e confio que se existe alguma coisa de divino n'este mundo, elle saberá olhar por modo a abrandar todos os espinhos que a estrada a caminhar apresenta. Meu bom amigo: um grande abraço meu.

ALVARO NETTO.

E, ATRAVESSANDO AS BARREIRAS DO SEU SEQUESTRO, UMA TOCANTE CARTA PARA SUA IRMÃ PEDE LHE SEJA ENVIADO UM RETRATO DE SEU PEQUENO FILHO. E SUA IRMÃ ASSIM FEZ.

Carta do Dr. Da Cunha Dias^{za}
sua irmã D. Maria da Cunha Dias.

Maria

Faço hoje, 15 de setembro, os meus trinta annos e peço uma prenda: Manda-me um retrato do Nuno.

Esta manhã — seria mau prenuncio? — perdi um retrato d'elle, um retrato pequenino que recortei d'um grupo.

Trazia-o sempre sobre o meu peito e parece que de sempre assim o trazer elle se gravou no meu coração. A pouco e pouco os traços apagavam-se, desvaneciam-se, e cada vez lhe ia querendo mais.

Meu unico companheiro de todas as horas, era tambem o meu confidente, e não dizia nada, nem a ninguem.

Muitas vezes o apertei sobre o meu peito por o não poder estreitar nos meus braços, e os beijos e as lagrimas, as não choradas lagrimas d'este meu amargurado viver, elle as escondia com recato, e não dizia nada, nem a ninguem.

Perdi-o! E qualquer coisa em mim com insistencia me segreda que o perdi tambem.

Manda-me, Maria, o retrato do meu Pequenino!

E tem para elle carinhos e tem cuidados!

Elle é tão pequenino!...

E não tem culpa da dôr que me feriu a mim, e amanhã
 lhe trará muito de soffrimento.

Sê tu mãe d'elle, Maria!

E beija-o muito por mim!

Beija as tuas mãos amigas o

Teu irmão

ALBERTO.

Conde Ferreira — 15 - IX - 916.

Uma história de amor
contada por Fernando Pessoa
em Fernando Pessoa

Meu caro Fernando

Recabi a son

Choradas mormo

Y, que é das suas

mas — a que pacha

Anda deo

ngunhos de Hort

gelos.

Eu, ango se não

sei, talvez por mais

longa nome souber

V. sabe h. e. p.

É, eu não digo

De mal o mais

Nada. Eram

É NA CELLA DO SEU MAR-
TYRIO MANTEVE SEMPRE A SUA
CALMA TEMPERADA, ÁS VEZES, DE
UMA SÃ E SERENA IRONIA.

UMA Sã F SERENA IRONIA.
CALMA TEMPERADA. 2 VEZES, DE
TIRIO MANTETE SEMPRE A Sã
E NA CILLA DO SEC. MAR-

Carta dirigida do Hospital Conde
Ferreira por Da Cunha Dias ao seu
amigo Fernando Pessoa.

Meu caro Fernando

Recebi a sua carta que muito agradeço.

Obrigado também pela dedicatória do *Gladio* (1). Sabe
V. que é das suas poesias a que prefiro. Sou sempre abso-
luto — a que prefiro. Obrigado pois.

Ainda bem que V. não se sensibilizou muito com os ar-
tiguinhos do Hermano (2) na *Capital* e que nos eram diri-
gidos.

Eu, amigo, se não fosse o meu horror á publicidade pes-
soal, talvez por muito me interessar a commercial (3), quasi
folgava como aquelle bandido — «vem o nome todo. H.». »
V. sabe!

E assim folgo porque elle não escreveu nome nenhum.
Do mal o menos!

Então bruxas, bruxedos e bruxinhas arrastaram-me á

(1) Poesia *Gladio*, a publicar no n.º 3 da revista litteraria *Orpheu*.

(2) O jornalista Hermano Neves. O artigo foi publicado em 9 de agosto do
corrente anno, no n.º 2.150 do jornal a *Capital*. Foram publicados mais dois ou
tres sem referencia directa ao meu amigo sob a epigraphe «Magos, Bruxas e
Nigromantes». Vizaram estes artigos a fazer crer que o Da Cunha Dias havia
enlouquecido por estudar sciencias occultas, o que é duplamente falso. O Da
Cunha Dias nem estudou sciencias occultas, nem enlouqueceu.

(3) O Da Cunha Dias fundou a Companhia Portugueza de Publicidade
com séde em Lisboa na Rua Augusta, 70, 1.º, cujo andamento, muito foi pre-
judicado pelo seu infame sequestro.

loucura, e elle chora sobre a fria campa da minha sepultura mental e apella para os poderes publicos!

Supunha o Hermano mais intelligente!

V. Fernando perdoe-me, na defeza do meu lar, abusando um pouco da nossa camaradagem amiga, ter-lhe attribuido artes estranhas de magia. Mas V. tem oculos!

Um astrologo sem oculos não parece bem, um astrologo sem oculos não é astrologo, por consequencia V. que tem oculos é astrologo.

Esta especie de raciocinios que não nos ensinam as Logicas, é da autoria do Cebolinhas. Não é logica de ferro, é logica de Cebola.

Faz-me uma falta o Cebolinhas!

Os dias aqui rolam numa constante, insipida e desconsoladora monotonia.

Faz-me uma falta o Cebolinhas!

E porque os dias passam tem esta por fim principal rogar-lhe uma communicação rapida e decisiva com o patife do Saturno ⁽¹⁾. Deve ser o Saturno, homem barbaro que come os filhos...

Hontem uns creados estiveram contando a fórma porque alguns doentes são internados. E contaram de um que foi internado de uma maneira curiosa. E' um melancholico, e trouxeram-no de passeio ao Porto para se distrahir. Ao chegarem aqui dois amigos (dois policias) apearam-se para mijar. E elle veio tambem vêr o urinol, *coisa linda, o melhor do mundo*. Veio e ficou. Foi ha 6 annos que o trem partiu e elle ficou. Sempre que topa uma cara nova, o pobre homem enxuga as lagrimas e, devagar, aproxima-se.

Faz signaes, puxa a manga do casaco ao parceiro e por fim ao ouvido, baixinho, muito d'alma diz: «Já mijei!»

(1) Saturno, deus pagão que, segundo a mitologia, comeu seus proprios filhos. Foi dado o nome de Saturno a um dos planetas do sistema solar.

Vista V., meu caro Fernando, a bata azul recamada de estrellas, ponha sobre o bestunto o barrete conico, e no silencio da noite, feitas as partes cabalisticas, que tornam os astros propicios, diga lá ao Saturno adverso que eu, Da Cunha Dias, já mijei.

Certamente me liberto breve, diz V. na sua carta. Em relação ao infinito?

Ora diga lá ao Saturno que eu já mijei!

E um abraço

DA CUNHA DIAS.

E COMO O MEDICO DR. JOSÉ DE MAGALHÃES NADA DECIDISSE, E O PROF. MAGALHÃES LEMOS, DIRECTOR DO H. CONDE FERREIRA, DOENTE, DEMORAVA, DECIDIU A FUGA, COM A CUMPLICIDADE DO ENFERMEIRO JOSÉ RIBEIRO, PARA A NOITE DE 1 DE OUTUBRO.

E DE CONDEIXA DIRIGIU A SEU PAE AMARGAS PALAVRAS.

Bom pae

Então muitos sacrificios por causa do filhinho?

Foi sempre allegando boas intenções que as almas ruins infamaram os homens de espirito recto e consciencia justa!

Foi sempre escondendo a baixeza dos seus propositos, allegando boas intenções, que os meus inimigos me atacaram. Sempre!

Os meus inimigos e o meu proprio pae, disfarçam-se sob os mesmos pretextos, e usam os mesmos processos para me atacar. Os mesmos processos!

Foram as mesmas violencias, com os mesmos pormenores de policias e de prisões, que levaram meu desditoso irmão á morte. As mesmas violencias e os mesmos pormenores!

E tambem, depois, consumados os factos, a mesma tardia exteriorisação de dôr pungente e de funda magua. A mesma!

Extranhas coincidencias!...

E ainda o mesmo apregoar falso e impudico, de grandes sacrificios...

Mas Deus, que não entende d'estas coisas dá aos *bons paes* maus filhos, que maldizem dos sacrificios, e malpensam das intenções.

Pela alma de meu irmão te peço, oh pae! — Sê mau!
Não te sacrifiques que eu não o mereço!

ALBERTO.

MAS ANTES DE DEIXAR O
PORTO O «LOUCO», NA IGNO-
RANCIA DAS CALUMNIAS QUE LHE
ASSACAVAM, DIRIGIU AOS JOR-
NAES DO NORTE COM NOBRE
CORREÇÃO UMA CARTA.

MAS ANTES DE DEIXAR O
PORTO DO LITORAL NA RUA
RANJA DAS CALHADAS QUE ESTE
ASSACAYAL DIRIGIR LOS POR
NAES DO NORTE COM NORRE
CORRECAO DA CARTA

Carta do Dr. Da Cunha Dias aos
jornaes do Norte.

Ex.^{mo} Sr. Director

Informam-me que os jornaes da capital do norte costumam noticiar a fuga de qualquer internado do Hospital Conde Ferreira com abundancia de pormenores.

Tendo sido jornalista profissional, sei bem a quantos excessos de detalhe arrasta, muitas vezes, a concorrência, no ancioso desejo de melhor informar. Mas são de natureza tão íntima as causas do meu sequestro durante 15 dias no manicómio do Telhal — fui internado em 8 de agosto do corrente anno — e consequente remoção para o Conde Ferreira, no Porto, mas longe de Lisboa e de Sintra onde advogava, que sobre essas causas, e sobre a especie de loucura que n'uma ironia infamante me attribuem, lhe peço, Sr. Director, n'este amargurado tranze da minha vida, um correcto silencio.

Inconfessaveis interesses levaram parentes meus a pretenderem substituir-se aos tribunaes, a fim de impedir a realização de um acto da minha vida civil, abusando da boa fé de dois medicos, ou pagando os seus escrupulos de consciencia.

Devo accrescentar que o Dr. José de Magalhães, sub-director do Hospital Conde Ferreira, e medico assistente da 6.^a enfermaria do mesmo hospital na ausencia do pro-

fessor Magalhães Lemos, é estranho ao meu internamento n'este hospital e n'aquella enfermaria.

Entre dois attestados que dois medicos de Lisboa firmam e as minhas affirmações e a minha attitude, o Dr. José de Magalhães hezita indeciso. Tenho 30 annos, ambições e um filho! O tempo urge! Decido-me!

Espera da sua correcção professional um correcto silencio o de V. Ex.^a

M.^{to} Att.^{to} Ven.^{dor} e Obg.^{do}

DA CUNHA DIAS.

Porto — 1-X-916.

E COM SERENA IRONIA, AO
TOCAR EM COIMBRA, COM A SUA
MÃO ENSANGUENTADA ESCREVEU
UMA CARTA AO SEU MEDICO AS-
SISTENTE.

E COM SERENA IRONIA
TICHA IN CUMBRA, COM A
MIL DASSIA-FAVARI, EM
UMA CASA DO MEU PLETO
SINTE.

Carta ao Dr. José de Magalhães,
assistente da 6.^a enfermaria do H.
Conde Ferreira.

Doutor:

Creia que lamento ser forçado a interromper as suas observações sobre os meus graves padecimentos.

Certamente a sciencia padece da ausencia das suas sabias conclusões, e com ella a Humanidade soffredora. Mas é tão delirante o meu *delirio*, e tão profunda a minha *fobia* por medicos e medicinas, que sou irresistivelmente arrastado a fazel-o, levando o meu cadaver, que muito preso, para longe do seu observador olho scientifico.

Mas, ironia á parte, fico em espirito, porque lhe fico agradecido.

A sua indecisão, embora nada a justifique, comprehende-se, as affirmações dos seus collegas, não!

Além de que na sua *policia*l medicina houve sempre muita correccão.

O Doutor é um homem correcto e verifiquei não ser este predicado commum a todos os medicos.

De commum aos medicos existe aquella mesma particularidade que tambem é commum aos cães: mijam um, mijam todos, onde um mijam, mijam os outros.

Distinguem-se os cães e os medicos por um outro caracter commum a cada um d'elles: os cães são todos cães, e os medicos são todos medicos.

Porém deve haver excepções! As excepções confirmam as regras em contrario.

Mas fico-lhe agradecido. Sou sincero ao escrevel-o, creia!

E se lhe puder ser util disponha e mande o

DA CUNHA DIAS.

Coimbra — 2-X-916.

É MAIS UMA VEZ COM GENEROSA CORRECÇÃO, IGNORANDO A CAMPANHA DE DIFAMAÇÃO QUE ESTE, AUXILIADO PELO SEU GENERO HERMANO NEVES, LHE MOVIA, ENVIU DE POMBAL A SEU SOGRO E TIO, CUMPLICE NO SEU INTERNAMENTO, A CARTA SEGUINTE.

Carta a Antonio Rodrigues da Cunha, seu sogro e tio

Meu tio

Cincoenta dias decorridos, quero nesta hora perturbadora da minha libertação affirmar-lhe que nunca deixei de lhe fazer justiça, a si.

Apesar de alguns exageros de palavras, foi, a dentro do seu papel de pae, correcto.

Soube ser pae. Sou pae tambem, e comprehendo-o.

Ignorava factos que eu conheço, e que nunca divulgarei, e illudiu-se. As apparencias, mas — e muito o lamento, creia! — só as apparencias, eram contra mim.

Sacrifiquei o meu orgulho ferido ao nome do meu Filho, e á minha propria dignidade, ao meu proprio brio, a minha liberdade de cincoenta dias. Porque eu não permitto que todos os medicos do universo ou qualquer d'elles discuta e julgue aquellas pessoas e aquellas coisas que são da minha intimidade.

Nas coisas da minha vida intima o unico fôro competente é a minha consciencia e o unico juiz sou eu. Só eu!

De resto, o meu extranho procedimento, tão leal, que todos foram para mim de uma covarde vileza, tão generoso que á sombra da minha generosidade me agrediram com o ultimo dos enxovalhos, tem uma rasoavel explicação.

Eu amei-a muito. Foi um primeiro amôr sincero e ardente. Depois... quanto eu soffri! Mas a sua maternidade

veio novamente avivar um extinto enternecimento. E eu calei, e eu esqueci!

E eu confiei na mãe do meu filho!

E foi necessario este cinico silencio de cincoenta dias para que em meu coração se extinguisse o amor ardente que aqueceu e brilhou em esperanças radiantes na minha mocidade.

Triste mocidade, enganadoras esperanças!

Talvez amanhã, o meu orgulho não consinta lhe affirme, o que hoje affirmo, e era um dever dizer-lhe.

Sabe separar o trigo do joio o

Seu sobrinho

ALBERTO.

Pombal, 5-X-1916.

MAS PERSEGUIDO, TENDO DE
ERRAR DE TERRA EM TERRA, EM
VIRTUDE DOS MANDADOS DE CA-
PTURA PEDIDOS POR SEU PAE E
PELO SUB-DIRECTOR DO H. CON-
DE FERREIRA, JOSÉ DE MAGA-
LHÃES, ENVIOU AO DIRECTOR
D'AQUELLE HOSPITAL, PROF. MA-
GALHÃES LEMOS, AUSENTE DO
SEU CARGO POR DOENÇA, A CAR-
TA SEGUINTE.

Carta do Dr. Da Cunha Dias ao
Professor Magalhães Lemos, Dire-
ctor do Hospital Conde Ferreira (1).

Ex.^{mo} Sr.

N'uma carta (2) em que a intimidade quasi imposta pelo Dr. José de Magalhães a mim, prisioneiro no Hospital Conde Ferreira, justificava a fórma, collocava o assumpto do meu infame sequestro, e consequente fuga, no campo em que, supponho, ao Dr. José de Magalhães, mais do que a mim, convem seja collocado.

Não tenho, melhor nada desejo ter, com o Hospital Conde Ferreira, porque os dirigentes d'aquella casa são extranhos ao meu internamento. Não me foram buscar, não me attribuiram padecimentos de que não padeço, não me

(1) Ausente, por doença, durante o periodo de internamento do Dr. Da Cunha Dias.

(2) N'esta carta Da Cunha Dias não se refere á que publicamos a pag. 53, mas sim a outra que foi enviada entre os dias 2 e 6, porque no dia 6, na minha quinta «Casal dos Andrinos», onde se realizou a sua entrevista com o Ex.^{mo} Sr. Alvaro Netto, a que adeante se faz referencia, leu-nos essa carta.

Sempre que havia portador, enviava-me para Leiria — havia justos receios de fiscalisação na correspondencia — em pacotes a correspondencia recebida e os rascunhos ou cópias da que se devia enviar. Nunca trazia comsigo quaesquer documentos.

Logo lhe manifestei — Da Cunha Dias vinha frequentes vezes a Leiria, á noite, afim de ser observado pelos medicos — o meu desejo de fazer uma publicação de algumas das suas cartas, deixou de me enviar qualquer coisa.

Das ultimas cartas publicadas — ultimas em data — foram-me cedidas cópias pelo Ex.^{mo} Sr. Alvaro Netto, a quem o meu amigo as enviou, ignorando entrar elle na conspiração de que resulta este volume.

prenderam. Entre um attestado medico que, levianamente, o nome do Dr. Julio de Mattos firma, e as suas observações, o Dr. José de Magalhães hesitou durante trinta e dois dias, o que, se não o honra como clinico, o não desprestigia tambem.

Mas nos governos civis de Lisboa e Leiria, vindos do Porto, estão mandados de captura contra mim, e um empregado do Hospital Conde Ferreira foi visto por amigos meus em Leiria, acompanhado d'um agente da judicaria. A' casa do meu amigo V. Hasse, de Leiria, foi feita uma busca porque me acolheu e dispensou no seu lar amigo aquellas attentões que os meus me regateiam.

Estes factos levam-me a modificar o juizo que erradamente havia feito sobre o character e sobre os escrupulos do sub-director do Hospital Conde Ferreira.

Mandados de captura contra mim, porquê?

Acaso é crime affirmar, nos termos em que a Constituição da Republica o garante, o meu direito á Liberdade?

O Dr. José de Magalhães, com estes actos, torna-se cúmplice d'aquellas creaturas que, sem escrupulos, com um cynismo infame, requereram o meu internamento n'um manicomio.

Nas localidades por onde tenho errado tenho relações e medicos honestos que attestam o meu são moral. Em meu poder tenho, hoje, 14 attestados medicos; dentro de dias, logo entre em Lisboa, e será breve, terei 140, se quizer.

Não me interessa, tantos são os obstaculos a vencer, nem tenho desejo algum de amachucar o Dr. José de Magalhães. Mas... cuidado!

E note V. Ex.^a, Sr. Professor! — que um desforço em legitima defeza não é mania de perseguição, como, sangrando-se em saude, o affirma o Cebolinhas.

Tratante a mais, patife a menos, é para mim, n'este

momento em que joga a golpes d'audacia a minha vida, um incidente de somenos importancia.

O Dr. José de Magalhães em vez de medico pretende ser policia e ajunta á sua incompetencia de uma indecisão de 32 dias, a insensatez de umas horas de irreflectida precipitação.

Mas porquê?

Que interessa, que tem o sub-director clinico do Hospital Conde Ferreira que eu esteja n'aquelle manicomio, ou n'outro, ou não esteja em nenhum?

Que tem, que lucra, que lhe importa?

A que vem, pois, essa creatura de uma maneira abelhuda intrometter-se nas coisas da minha vida?

Se amanhã — porque nem me prendem novamente, nem me vencem — mas se, amanhã, removidos os obstaculos que me assoberbam, me lembrar d'um vago Magalhães, que vagamente é sub-director d'um manicomio, e que intencionalmente foi cúmplice das creaturas que me atacaram, e o collocar entre a minha espada atrevida e o desaire de não acceitar combate, ou entre um banco de reu e duas disposições legaes, V. Ex.^a põe o seu nome honrado, a sua dignidade profissional, o seu prestigio que um trabalho honesto alcançou, a cobrir a leviana tratantada d'um precipitado?

E note V. Ex.^a: — São a minha liberdade, o meu nome, a minha propria dignidade, a minha vida, as minhas ambições — *Être c'est lutter, vivre c'est vaincre!* — que correm risco n'esta desigual e traiçoeira lucta. Eu a dentro dos meus escrupulos de homem d'honra, os meus adversarios no impudor cinico dos seus processos.

Nas localidades por onde me alberguei vim encontrar (são dois dos attestados que possuo), dois discipulos de V. Ex.^a que affirmando a sua admiração pelos seus trabalhos sobre paralisia me confirmaram a opinião unanime no H. Conde Ferreira e de alguns amigos meus do Porto,

sobre a recta limpidez do character de V. Ex.^a. São essas informações, é este juizo que me levam a solicitar de V. Ex.^a aconselhe ao Dr. José de Magalhães um pouco de bom senso, e um pouco de escrupulo. Que lhe não fica mal continuar a ser correcto!

Lembre V. Ex.^a ao Dr. José de Magalhães o informar-se junto dos commerciantes do Porto que abonaram o requerente do meu internamento para os effeitos da minha permanencia no H. Conde Ferreira sobre as suas relações com essa pessoa.

E' que — Sr. Professor — foi servindo-se do meu amigo Alvaro Netto, que *dias antes* de eu sahir d'esse hospital poz á minha ordem 2.400 escudos, que aquelle senhor conseguiu os dois commerciantes que o abonaram no Porto. Foi illudindo os meus mais intimos amigos que foi possível realisar o meu sequestro.

Foi sem pudor, sem escrupulos, que se espalhou em Sintra uma complicada historia d'uma senhora de bom genio casada commigo marido ferrabraz.

Foi assim! Mas os equivocos não perduram! Se eu o tivesse querido, no H. Conde Ferreira seriam cortados os viveres. Poupei-o a essa vergonha.

Fui internado em 24 de agosto e em 2 de setembro estavam estabelecidas as communicações com o exterior. Poderia se me conviesse ter sahido muito mais cedo.

Esperava confiado o regresso de V. Ex.^a. V. Ex.^a tardava, os meus interesses urgiam, decidi a fuga.

Estou tratando de pôr a direito as coisas da minha vida material. Depois irei ao resto. *Primo mangere, deinde philosophari.*

Tem o Dr. José de Magalhães ainda uns dias para se decidir a ter juizo.

Não me prendem, mas massam-me, e obrigam-me a despesas inuteis.

Que tenha juizo!

Mas V. Ex.^a não o sabe, occultam-lho, certamente:

Pois na ponte, no Porto, guardando-a, — eram 2 da manhã — estavam dois empregados do Conde Ferreira armados de cacete!

Concorde, Sr. Professor, que é ridiculo e insensato!

Dois empregados de um hospital, em pleno seculo xx, n'uma cidade, armados de varapaus, fazendo policia, com sarilhos de jogador de feira, é insensato!

E é tambem ridiculo pretender oppôr a um automovel, á minha Webley, e á minha decisão, sarilhos de cacete! E' ridiculo!

Mas, vae esta quasi tão longa como a legua da Povia, e nem tenho o direito de o importunar, nem V. Ex.^a a obrigação de desperdiçar com futilidades o seu tempo precioso.

Leva-me a escrever esta carta a confiança que dadas as referencias que sob o seu character me fazem, deposito na sua linha moral e no seu *inflexivel* espirito de justiça.

Lembre V. Ex.^a ao Dr. José de Magalhães que a correcção fica bem sempre. No trato, como em todos os actos da vida.

E que a sua situação de sub-director do Hospital Conde Ferreira lhe impõe o não fazer, no exercicio das funcções do seu cargo, rapaziadas ridiculas.

Teem os meus parentes sobre mim a vantagem do numero e do tempo. Eu sequestrado, elles fazendo, livremente, opinião. De tudo se serviram, de tudo!

E que interessam ao Hospital Conde Ferreira as minhas luctas com os meus parentes?

Teem elles razão: Em juizo irão dize-lo!

Tenho eu razão: Em juizo o irei dizer!

E' o meio competente!

Para que pretende o Dr. José de Magalhães, braço dado com os meus parentes, substituir-se aos tribunaes?

Que tenha cuidado!

Depois se, esquecida a prudencia que n'este momento aos meus interesses convem, fizer sentir a um mediocre a energia d'um pulso, V. Ex.^a vê n'esse acto de legitimo desforço mania de perseguição?

Não pretende esta carta, nem é minha intenção, meter sustos a quem quer que seja — Não mete sustos quem não tem medo! — mas, tão sómente significa o desejo de me evitar e áquelle medico alguns trabalhos, e a elle, e á casa que V. Ex.^a superiormente dirige, muito de desprimor.

Fazendo votos pelo seu rapido restabelecimento, respeitosamente me subscrevo

De V. Ex.^a

Att.^{to} Ven.^{dor} Obg.^{do}

DA CUNHA DIAS.

Nazareth — 12-X-1916.

E DE ALCOBAÇA, ONDE N'ESSE DIA SE ENCONTRAVA VEIO EM 5 DE OUTUBRO, APESAR DA VIGILANCIA DE UM AGENTE DA POLICIA DE LISBOA E DE UM ENFERMEIRO DO CONDE FERREIRA QUE ESTAVAM EM LEIRIA, AOS ARREDORES D'ESTA CIDADE — CASAL DOS ANDRINOS — ABRAÇAR O SEU AMIGO ALVARO NETTO.

E ENTÃO TEVE CONHECIMENTO DOS SEGUINTEs TELEGRAMMAS.

E. DE A. G. R. A. C. A. 1000

• ESSE DIA SE ENCONTRARÁ EM
EM 5 DE OUTUBRO DE 1911
VIGILANTE DE UM ASPECTO DE
CULTURA DE NÓS E DE EM
TUMOR DO CÔRPO HUMANO
QUE ESTÁ EM UM
ASPECTOS DESTE DIA
CASA DO AMBROSIO
E O SEU ALMO
DEMO
E ENJO TO
DEPOIS DO
GRATIAS

A hypocrisia dum pae

DOIS TELEGRAMMAS⁽¹⁾

De *Alvaro Netto* a *Padinha Dias*. — Cintra.

Peço V. Ex.^a mandar sustar mandados captura contra seu filho. Afirmo certeza sua serenidade. Aguarde carta minha.

ALVARO NETTO.

De *Padinha Dias* a *Alvaro Netto*. — R. do Jardim do Regedor, 18, 2.º, Lisboa.

Sube fuga por comunicação policia nada procurei captura e é tudo indicativo auctoridade clinica de mim a *responsabilidade das desgraças* ⁽²⁾ que possam succeder administrador concelho dadas providencias vigilancia foi governo civil espero seu regresso saber que haja e vou ahi falar-lhe.

PADINHA.

(1) D'estes telegrammas foram pedidos, pelo Ex.^{mo} Sr. Alvaro Netto, certificados á Direcção Geral dos Correios e Telegraphos.

(2) Quem lhe exigia a responsabilidade?

E' o que o sr. Padinha Dias não nos diz.

E é pena que o não diga.

A responsabilidade das desgraças! Pelo dedo se conhece o gigante.

A Hypothesis of the Law

Dois Terceiros

Dois Terceiros de cada um dos

dois Terceiros de cada um dos

dois Terceiros

dois Terceiros de cada um dos

dois Terceiros de cada um dos

dois Terceiros

dois Terceiros de cada um dos

... É TEVE TAMBEM CONHE-
CIMENTO DAS CARTAS QUE SE-
GUEM.

Carta de Alvaro Netto ao pae do
Dr. Da Cunha Dias.

Lisboa, 3 Outubro 1916.

Ex.^{mo} Sr. Padinha Dias

Acabo de telegraphar a V. Ex.^a o seguinte: «Peço V. Ex.^a sustar mandados captura contra seu filho. Affirmo certeza sua serenidade. Aguarde carta minha.»

Justifico-me. Depois da nossa ultima conversa recebi de seu Ex.^{mo} Filho uma longa carta composta simplesmente de 18 folhas de papel ou sejam 72 paginas.

Passada certamente por os mesmos meios com que obteve a sua liberdade de agora, seu filho n'uma clara linguagem, sem o mais pequeno ponto discordante, dando-me datas, justificando factos, aclarando pequenas coisas que durante as nossas conversas antes do seu internamento me haviam passado despercebidas, conta-me toda a sua odiseia.

Descreve a traços largos mas sufficientes o seu namoro, a sua primeira desillusão, a confissão da namorada, essa primeira folha cahida, depois a sua partida para o Algarve para fugir ao estreitamento de laços, a tentativa de suicidio que essa fugida provocou, tudo isto dado em fevereiro de 1913.

Depois d'isso a volta de Coimbra e a noticia em Lisboa de que sua querida mãe partira uma perna, o seu